

Ensaio de MARIA ISABEL MACEDO DA SILVA BENTO**INTRODUÇÃO**

A Professora Doutora Lídice Meyer Pinto Ribeiro, ao longo de quatro encontros virtuais, conseguiu despertar-nos para as capacidades de criação, acolhimento, força e características cíclicas e de conexão das mulheres em todas as eras e culturas na Sagrada Escritura, já que desde o início da humanidade, a mulher desempenhou sempre os papéis essenciais de reprodução e cuidado, assim como também atuou diretamente na institucionalização e preservação da prática religiosa, adquirindo um representativo papel de protagonismo e de ligação com Deus. Analisámos o sagrado feminino no Antigo Testamento, nos testemunhos das grandes mães do Israel antigo (essencialmente com Eva, Sara, Rebeca, Raquel e Lia); nas histórias das mulheres presentes na trajetória da libertação da escravidão do Egito até à Terra Prometida (basicamente com Zípora, Miriam, Raabe, Acsa); na vida das mulheres no período dos Juízes até à institucionalização do Reino de Israel (designadamente com Rute, Débora, Jael, Dalila, Ana); e na presença e protagonismo das mulheres-rainhas até ao Exílio (fundamentalmente com Bate-Seba, Jesabel, Ester).

DESENVOLVIMENTO

Na criação, tal como nos é apresentada no primeiro livro da Bíblia, a geradora de vida (Eva) ou mãe de todos os viventes (Gn 3, 20), mostra o papel sagrado e o reconhecimento da sua relação com o Criador. Ao ser uma auxiliar semelhante ao homem, com a mesma natureza – em parceria e complementaridade – e ao sabermos que a Humanidade só se realiza plenamente na sua essência dual de ambos os sexos, compreendemos a importância da presença feminina na história do povo de Israel, com a apresentação de várias mulheres fortes e fundamentais para o caminho até à salvação, seja através das suas linhagens, seja pela sua ação direta na condução até à Terra Prometida, seja pela obediência ou irreverência, poder e sabedoria que demonstram os desígnios insondáveis de Deus.

Na nota de esclarecimento relativamente às dúvidas sobre a atualidade do texto da Carta de São Paulo aos Efésios (Ef 5, 21-32), importa referir que o conceito de “submissão” proposto à mulher causa escândalo nos dias de hoje. Porém, não se trata de algo exclusivamente aplicado às mulheres, mas a todos. No quadro jurídico-social da instituição familiar naquele tempo, este princípio básico da mútua atenção era dirigido a todos os membros da família, pelo que é o próprio Jesus o verdadeiro exemplo da medida de submissão e de serviço com amor, e é através d’Ele que se entende a dimensão da entrega total e do dom da vida, na correta interpretação de qualquer autoridade, representatividade ou primazia (CEP, 24-08-2021). Na sua carta apostólica “A Dignidade e Vocação da Mulher” (1988), o Papa João Paulo II dizia que em todo o ensinamento e comportamentos de Jesus, não se encontra nada que denote a discriminação, própria do seu tempo, da mulher. A atitude de Jesus como emancipador mundial da mulher e defensor da sua igualdade com o homem destaca-se pela clareza, profundidade e coragem com que Ele liberta também o homem do complexo de superioridade, arrogância e espírito de dominação (Xavier, 2019).

Constatamos, assim, que a mulher ocupa uma posição importante nas tradições bíblicas, caracterizada por vários elementos de difícil determinação, com uma imagem positiva e abrangente. Não é possível negar alguns pressupostos andocêntricos, mas os textos não foram preservados com o objetivo de inferiorizar moral ou motivacionalmente as mulheres. A mulher tem uma participação decisiva no processo de estabelecimento de Israel como nação soberana e a iniciativa feminina é imprescindível no conjunto de elementos que possibilitaram o estabelecimento da monarquia e o sucesso da dinastia de David como rei messiânico. Assim sendo, o Antigo Testamento, refletido também no Novo Testamento, presta um tributo à mulher, na sua contribuição para com a salvação da humanidade (Braga, 2010).

O texto do Cântico dos Cânticos revela a metáfora do amor de Deus pelo povo (o amante e a amada), como evidência que o amor entre o homem e a mulher tem a ver com Deus e que a interpretação alegórico-tipológica judaica e cristã mostra que há uma revelação do puro amor encarnado, pela feminilidade exuberante dos versos que demonstram que não pode haver Igreja sem amor e sem útero, com a sexualidade entre homem e mulher como parte integrante da obra do Criador (Ct 1.1- 8.14).

O papel da estrangeira Rute como exemplo admirável de lealdade e de cumprimento das leis e costumes do povo de Israel, na sua história de conversão, compromisso e dignidade, é fulcral na genealogia de Jesus, através do rei David. (Rt 1.1, 4.22). Deus discreto, quase silencioso, atua nas sombras através de mulheres que desafiam os seus medos e se revelam protagonistas solidárias e subversivas, em igualdade de circunstâncias com vários patriarcas, juízes, reis, profetas e sacerdotes, até à chegada do Messias, em que se tornam Suas seguidoras e discípulas. Os cuidados que Deus demonstra com o acolhimento, cuidado e proteção a estas filhas de Israel a partir do momento em que elas se dispõem a servi-l'O, revelam o resgate das calamidades, sofrimento, trevas, pecado e condenação, que culminam na maior de todas as honras – sermos filhos de Deus – e são uma prova de que a Bíblia não padece de qualquer misoginia (Gallares, 2001).

Quando escutamos uma parte da Ave Maria e o Magnificat (Lc 1, 42-55), verificamos semelhanças na forma e no conteúdo com a tradição bíblica de cânticos atribuídos às mulheres na Bíblia. O cântico de louvor de Maria pelo poder de salvação de Deus, como muitos dos salmistas do Antigo Testamento, relata a conexão histórica entre Abraão e os seus descendentes e a misericórdia infinita de Deus para superar obstáculos. O Antigo Testamento também apresenta cânticos de mulheres notáveis que ecoam no Evangelho, tais como a canção de Miriam (Ex 15, 20-21), a canção de Débora (Jz 5, 1-31) e o cântico de Ana (1 Sam 2, 1-10). A irmã de Moisés (Miriam) cantou em celebração à derrota dos egípcios; a líder militar Débora cantou o poder de Deus durante as vitórias militares; o contexto do cântico de Ana oferece os paralelos mais próximos de Maria, quando ela canta após o nascimento do seu filho (o profeta Samuel, após um período prolongado de infertilidade). Como Maria, Ana começa o seu cântico com alegria, pois destaca o cuidado divino pelos pobres e humildes e reflete sobre o castigo divino para aqueles que abusam do poder e dos recursos. Ambas as mulheres, nos seus momentos de seleção para serem mães de líderes, alegram-se com o seu chamamento por graça e não por mérito, e celebram a força e o poder salvador de Deus. As tradições bíblicas de cânticos e orações oferecem-nos modelos de como orar, pela expressão da alegria, pela reflexão sobre a vida, pelo louvor a Deus no reconhecimento do Seu impacto na história do Povo eleito. Todas as mulheres estudadas do Antigo Testamento são modelos para honrar as nossas escolhas no papel essencial da vida de fé e de glorificação da Mãe de Deus no Céu, pois muitos de nós aprendemos a rezar com as nossas mães, pelo que através deste meio, podemos voltar à autenticidade das nossas raízes.

CONCLUSÃO

A insistência de se apresentar uma hermenêutica bíblica para relevar o ser feminino, liberta-nos da tendência patriarcal clássica da sua apresentação como responsável pelo pecado original ou da saliência do papel da esterilidade e/ou fecundidade para gerar o povo de Deus. A mulher ocupa um lugar insubstituível na família, na sociedade e na Igreja, na plena consciência da sua dignidade e no sentido de vida como esposa e mãe, devido ao facto de possuir uma precedência específica sobre o homem através da maternidade, em que é chamada a ser “lugar” de um ato criativo divino e ao expressar de modo eminente o dom de si mesma, na dimensão universal da pessoa à imagem da maternidade/paternidade de Deus. O homem e a mulher são imagens de Deus e, no seu modo próprio, pessoas iguais em dignidade e com os mesmos direitos, não se podendo sustentar de modo nenhum que a mulher seja inferior. A Igreja não está indiferente à realidade que envolve a mulher, constituindo um dos sistemas mais significativos das suas análises. (Alves, 1994).

Desde o princípio, Deus colocou a mulher numa posição importante, ao lado do homem, como companheira, igualmente criada para a felicidade. Sabemos que as relações entre homem e mulher são primordiais para o desenvolvimento individual de cada ser humano, pelo que devemos esquecer estereótipos ou ideologias, e enaltecer a natureza que Deus concedeu ao modelo perfeito de mulher que é Maria, e perceber que o estudo e exegese corretos da Bíblia dignificam o valor da pessoa que é obra de Cristo.

A mulher e a natureza foram sempre associadas devido à sua fertilidade, sendo a mulher percebida como um ser detentor de poderes especiais capazes de gerar, nutrir e preservar a vida. Tudo nasce dela e tudo volta a ela depois da morte – esta veneração especial pela figura feminina e pelo que representa, ainda ocorre nos dias de hoje, pela admiração que todos têm pela mãe, pelos ciclos de fecundidade e pela ligação à lua e à primavera (passagem da morte para a vida, ressurreição e renascimento). As trevas e a morte do grande inverno da Humanidade desde a expulsão do Paraíso, findam com o Sol nascente a partir do ventre de uma virgem, através do Espírito Santo, em que somos todos redimidos. Desde a Sua concepção, a vida terrena de Jesus esteve ligada às mulheres, mediante uma relação especial em que foram ultrapassadas barreiras sociais, na Sua relação vital e pessoal com o sagrado feminino (Ribeiro, 2021).

Como se estudou neste curso, a Bíblia tem sido relacionada desde sempre com a subordinação e violência à mulher no mundo ocidental, mas uma leitura cuidadosa dos textos sagrados revela que as mulheres exerceram um protagonismo nos principais acontecimentos do povo de Israel e da Igreja primitiva. O facto de o Antigo Testamento ter nascido numa sociedade patriarcal foi durante muito tempo relacionado como a causa principal para a submissão das mulheres através dos séculos. A sacralidade feminina e maternal provém desde o período paleolítico, mas nas sociedades arcaicas, a divisão dos papéis sexuais destinava a governação ao homem, e a mulher era a legítima representante dos domínios da natureza, como representante da vida e de tudo o que existia. As mulheres estão presentes na criação do mundo, na formação do Povo escolhido, na sua preservação, na conquista da terra prometida, no período dos juizes, no estabelecimento do Reino de Israel, na sua divisão, no período do exílio, tal como na genealogia de Jesus, no Seu ministério, na Sua morte e ressurreição e na formação da Igreja primitiva. Em todos estes momentos, a participação das mulheres é decisiva, se não até, essencial, pois desde a antiguidade, as mulheres exerceram um papel de destaque na religião e nas sociedades (Ribeiro, 2020).

Este papel culmina em Maria, essa criatura especial do Senhor, que foi a escolhida para encarnar o próprio Deus. Jesus é Filho de Deus, mas toda a sua materialidade vem do feminino, sendo por essa via que Deus escolheu fazer-se um de nós. Como tal, não restam dúvidas sobre o que o papel das mulheres na Bíblia, pois muito para além de algo extraordinário que tenham feito e façam continuamente, elas ensinaram-nos que Deus escolheu desde sempre a humanidade inteira, homens e mulheres, como Seus filhos, em Jesus Cristo, e essa é a nossa dignidade partilhada e inalienável. Todos nós, homens e mulheres, com as nossas semelhanças, mas também com as diferenças que nos complementam, somos chamados à santidade e à vida verdadeira em Jesus Cristo (Escrivá, 1939).

Foi muito gratificante voltar a participar num curso com esta qualidade e aprofundamento de análise da presença do feminino em todos os eventos importantes do povo de Israel. Bem-haja.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, H. – Deus no feminino no Antigo Testamento. A Mulher na Bíblia, na Igreja e na sociedade. Fátima: Revista Bíblica nº 3, ano II, dezembro, pp. 47-68, 1994.
- Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica – Centro dos Franciscanos Capuchinhos, 2009.
- Braga, E. – Santas e Sedutoras: as heroínas na Bíblia hebraica. São Paulo: Humanitas, 2010.
- Conferência Episcopal Portuguesa, 24.08.2021, Nota de esclarecimento a propósito da leitura de São Paulo sobre as mulheres. *in* <https://agencia.ecclesia.pt/portal/a-proposito-da-leitura-de-sao-paulo-sobre-as-mulheres/>
- Escrivá, J., Caminho, Caritas in Veritate, 1939 *in* <https://pt.escrivaworks.org/book/caminho.htm>
- Gallares, J.A. – Imagens da Fé: Espiritualidade de Mulheres no Antigo Testamento na perspetiva do Terceiro Mundo. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Ribeiro, L.M.P. – O Papel das Mulheres na Bíblia: Protagonistas ou Coadjuvantes?. Obtido de <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/7348>. Rio de Janeiro: Ad Aeternum – nº 0, pp. 68-86, 2020.
- RIBEIRO, L.M.P. – O sagrado feminino na primavera bíblica. Mandrágora, 27 (1), 7-30, 2021. Obtido de. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/1035982>.
- Xavier, L. – Mulheres na Genealogia de Jesus: uma história de marginalização e transgressão. Pernambuco: Mandrágora, vol. 25, n. 2, pp. 21-46, 2019.

Lisboa, 1 de outubro de 2021